



A SUBSTITUIÇÃO COMO HOSPITALIDADE EM EMMANUEL LEVINAS

Jefferson Polidoro Dias*

Resumo: O seguinte artigo tem por meta expor de modo preliminar o pensamento sobre o conceito de *Substituição* em Emmanuel Levinas, tendo por resposta a constituição da subjetividade responsiva, aqui interpretada como subjetividade hospitaleira. O trabalho investiga os pressupostos e definições existentes em sua filosofia, possibilitando assim entendimento das relações e suas respectivas repercussões no pensamento Levinasiano. Considera-se lícito o estudo desta temática da *Substituição* em Levinas, devido a alta dificuldade de teorização desse conceito Levinasiano mesmo entre os comentadores, procurando focar em uma forma de subjetividade, de sentido humano, que se torna uma verdadeira solidariedade responsiva pelo Outro sem esperar nenhuma recíproca.

1 Da sensibilidade a ética em Emmanuel Levinas

Emmanuel Levinas, filósofo sobre qual estamos tratando nessa dissertação, nasceu no dia 30 de Novembro de 1903 na cidade de Kaunas na Lituânia, se estabelecendo e naturalizando-se posteriormente francês, falecendo no dia 25 de Dezembro de 1995. Oriundo de uma família judia e sendo seu pai um livreiro, possibilitou o contato do nosso autor com os grandes clássicos da literatura mundial (em especial a Dostoiévski, na literatura Russa, e Shakespeare, na tradição ocidental) os quais no cita como grandes fontes de inspiração para a elaboração de seu pensamento.

Fica nítida a influência do horror nazista na memória de toda do século XX, em toda humanidade, especialmente nos sobreviventes dos campos de concentração (como os judeus, ciganos, liberais, socialistas), bem como em suas famílias. Emmanuel Levinas, como representante do grupo mais atingido por essa desgraça, os judeus, não foge de suas feridas e seus traumas, expondo dentro de sua filosofia toda preocupação e em certos comentários como este nos lembra: “A minha crítica da totalidade surgiu de facto, após uma experiência política que ainda não esquecemos” (LEVINAS, p. 70, 1982).

É marcante a devastação que o século passado, século que foi marcado pela opressão, pelas guerras mundiais, pelos totalitarismos (de direita e esquerda), pela destruição atômica e

* Mestrando em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria – Bolsista CNPQ. E-mail: jeffpdias87@gmail.com

pelo Holocausto judeu, no seu pensamento que busca não mais a instauração de uma ética, mas pelo contrário, pergunta pelo seu fundamento mais básico, seu sentido. Percebe o filósofo que a racionalidade humana, que se desenvolveu desde os antigos gregos, passando pelo iluminismo e chegando ao auge no século XX, simplesmente não conseguiu acabar com a opressão e a destruição humanas, pelo contrário, foram estes utilizados muitas vezes como desculpas para estes próprios genocídios e pela opressão do homem pelo homem.

A filosofia de Levinas busca inspiração para elaboração de seu pensamento, na tradição judaica, pois esta conseguiria não excluir o Outro, a diversidade e sim agiria em forma de acolhimento, de hospitalidade ao estrangeiro, ao diferente. Assim Emmanuel Levinas, não negando o pensamento ocidental, baseado na racionalidade, na filosofia e ciência, mas resgatando nossa outra herança, cultura judaica, que nos foi transmitida por meio do ensino da sua religiosidade, vista como fonte de cultura e ação humanas, propõe uma reviravolta filosófica, ainda necessita ser estudada e entendida, pois somente, dessa forma poderemos viver em relações interpessoais mais amplas, plurais e realmente abertas.

A Ética seria a filosofia primeira, e não a ontologia, sendo no face a face do Rosto que o sentido se descobre, descobrindo-se uma “subjetividade responsável”, que vindo da ideia de *Infinito* esse surgimento. A filosofia de Emmanuel Levinas se constitui em uma busca pelo sentido ético, que acaba por nos demonstrar a esfera da “subjetividade responsiva”, e não se constituindo em uma ética a estilo tradicional, de caráter normativo, deontológico, eudemônica ou mesmo utilitária, como o próprio Levinas nos fala “a minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas encontrar-lhe o sentido” (LEVINAS, 1982, p. 82).

Para melhor compreendermos como da busca pelo sentido ético Levinas, acaba por nos mostrar a subjetividade responsiva, é necessário passarmos por certos conceitos, como o de Desejo. Este o conceito (desejo) em Levinas, representa uma saída de si, como abertura para a responsabilidade ao Infinito ético, ao bem. Pode-se entender que o mundo seria assim forma pura imanência, sem transcendência, sendo o desejo imediato.

1.2 A Subjetividade como sensibilidade

A grande questão abordada por Emmanuel Levinas em *Outramente que Ser*, diz respeito à passagem para do paradigma filosófico da ontologia, para a grande contribuição Levinasiana, o pensar a subjetividade a partir da Alteridade. É importante ressaltar que para o entendimento de Levinas a filosofia ocidental, começando com Parmênides e Platão ressaltou-

se a necessidade que a essência tem em suprimir ou no mínimo anular todo tipo de exceção, de diferença.

Para Levinas, a exceção do outro do ser significa ela mesma a subjetividade que recusa qualquer tipo de anexação à essência, pois está bem seu fundamento não mais no ser, na ontologia, mas sim em um conceito que será desenvolvido por Levinas: o *Outramente que Ser*. É aprofundamento da questão efetuada por Levinas em *Outramente que Ser*, em relação a sua primeira obra de grande impacto *Totalidade e Infinito onde* ainda se exploram os temas da morada e do feminino em que não mais explora:

Não é necessário pensar o homem em função do ser e do não-ser, entendidos como referências últimas. A humanidade- terceiro excluído, excluído da raiz, não-lugar – e a subjetividade significam a explosão dessa alternativa, significância do signo antes da essência, antes da essência, antes da identidade...Mas aqui o para além da essência, significação, o sopro do espírito expirando sem inspirar, desinteresse e gratuidade o gratuito: a ruptura da essência é ética...Essa ruptura da identidade (esta mutação do ser é significação, o dizer, a substituição) é a própria subjetividade do sujeito ao todo, isto é, sua susceptividade, sua vulnerabilidade, sua sensibilidade (LEVINAS, 1987, p 59).

Essa subjetividade pensada fora de padrões de gênero, de forma ou de qualquer tipo de comunidade, é para Levinas uma subjetividade de inquietação, sem identidade do si-mesmo. O próprio humano é pensado a partir da subjetividade, mas em uma subjetividade entendida como excesso e abertura, dimensão aberta pelo terceiro que se estabelece em um dito. É importante lembrar que o outro deverá ser dito na linguagem do *Mesmo*, mas que não se reduz ao dito, assim o *Dizer* será dessa forma um excesso, sendo assim o nascimento da subjetividade se dá então dessa exposição, dessa abertura, que de forma anárquica e pré-original:

A subjetividade é vulnerabilidade, a subjetividade é sensibilidade. A sensibilidade, toda inteira passividade do Dizer, é irredutível a uma experiência que dela pode fazer o sujeito, inclusive é ela quem faz possível tal experiência. Dessa forma a exposição ao outro, é significação, é a significação mesma, o um para o outro esta na substituição dentro da separação, é dizer, responsabilidade (LEVINAS, 1987, p. 109).

Percebe Levinas que é impossível não habitarmos dentro de uma totalidade, de uma sociedade, sem que o Infinito ser intemperado e estruturado, sendo que a universalização e a conceitualização com as quais o terceiro exige, acabam por provocar um verdadeiro “retorno do-eu com os outros”. Na experiência, neste traumatismo provocado pelo encontro com o Outro,

não possuo o poder de tematização, não pelo menos de forma totalizadora, pois sempre a algo que me escapa de forma.

Levinas denomina de sensibilidade o aspecto corporal, ou melhor, de corporeidade, pois é necessário compreender que não se trata aqui de ser compreendermos tal termo de maneira empírica, mas como “exposição” que é consequência da empiria corporal. Assim poderíamos dizer que nem a corporeidade (sem essa base da sensibilidade corporal), e nem a linguagem se estruturam dentro de conceptualizações empíricas, revelando dessa maneira certa semelhança em sua constituição.

Entende-se a subjetividade como um dizer sem dito, exposição corporal, sensibilidade e vulnerabilidade anárquica. A dor e o envelhecimento são fontes da constituição subjetiva, sendo que o sensível não possui conteúdo, é pré-intencional, passividade que não se encontra e nem se recupera na consciência. Na afecção corporal, nesta sensibilidade, se forma o próprio entendimento de humano, como nos fala o próprio Levinas:

A dor penetra o coração mesmo do “*para si*” que alimenta o gozo, na vida que satisfeita em si mesma, que vivi de sua vida. Dar, ser-para-o-outro, em si é arrancar o pão de sua própria boca, alimenta a fome do outro da sensibilidade goza a partir do gozar e do saborear, se si permite não jogar o jogo da essência, no joga nenhum jogo, e porque é seriedade mesma que interrompe o prazer e a complacência do jogo. A análise da sensibilidade deverá partir do saborear e do gozar (LEVINAS, 1987, p. 111).

2 Interpretando *Outramente que Ser ou Para Além da Essência*.

Com o objetivo de entendermos minimamente o pensamento de Emmanuel Levinas, é necessário ressaltar que sua filosofia esta centrada em uma crítica ao pensamento ontológico, pois a toda o pensamento da filosofia tradicional esteve centrada na busca e explicitação do ser. O que preliminarmente e de forma concisa Levinas propõe em sua Obra *Outramente que Ser ou Para Além da Essência* consiste em:

O presente estudo tenta não pensar a proximidade em função do ser; *outramente que ser*, que certamente se estende ao ser, diferindo absolutamente da essência, não tem gênero comum com ela se compara com a aflição que pronuncia o extraordinário vocabulário do *para além*...O modo de pensar aqui proposto não significa desconhecer o ser, nem tão pouco trata-lo na ridícula pretensão de um modo desdenhoso, mas como o desfalecimento de uma ordem ou justo sentido a partir da proximidade que ele adquire (LEVINAS, 1987, p. 61).

Algo importante de acentuarmos neste pensamento filosófico, é que a experiência, que o eu, o ego, tem no encontro como o outro, o que não é completamente explicável, pela referência a uma estrutura de mediação. É na experiência com outro que possibilita uma ruptura na forma pela qual o sujeito pode pensar ou conhecer as coisas, assim:

Se trata de uma tentativa para além da Liberdade. A Liberdade, interrupção do determinismo da guerra e da matéria, não escapa, todavia ao destino da essência e toma corpo com o tempo e a história que unifica em *épos* e sincroniza os acontecimentos relevando sua imanência e sua ordem...Se trata de pensar a possibilidade de uma lagrima da essência...contesta o privilegio incondicional da questão *da onde*. Significa o não-lugar...significa a subjetividade da humanidade, do *si-mesmo* que repudia as anexações da essência. Eu como unidade, fora de toda comparação, eu que, a margem da comunidade, do gênero e da forma, ao não encontrar mais repouso em si mesmo, in-quita desde o momento em que não coincide consigo mesma. (LEVINAS, 1987, p. 51).

Para o entendimento da filosofia Levinasiana é necessário compreender que a subjetividade não se baseia na autonomia do sujeito, como se encontra por exemplo nos pensadores do Iluminismo, como Immanuel Kant ou Jean Jacques Rousseau, aonde por meio da racionalidade humana nasce o princípio da liberdade, existindo assim uma humanidade enquanto fonte de poder de agir e de ser. Diferentemente desta posição tradicional o pensamento de Levinas, esta baseada na constituição de uma subjetividade ética e responsiva, formada a partir da relação de intersubjetividade.

Para o entendimento Levinasiano a subjetividade não é fundamentada pela identidade do eu pela autoconsciência, porém pela estrutura de uma forma de responsabilidade que ultrapassa a identidade pessoal e a autoconsciência. Tal concepção de subjetividade não representa um ego fechado, um “egoísmo” que desfruta dos prazeres, enquanto seu semelhante sofre o choque, o “trauma”.

Ela justamente pelo contrário é pura abertura, abertura não como liberdade sem limites, centrada em si mesmo, a exemplo de uma mônada, a subjetividade é infinitamente responsável pelo Outro. É este apelo do Outro, do Rosto (*Visage*), que individualiza o Eu e possibilita assim a existência da subjetividade, ou seja, uma subjetividade ética.

O Para além do ser, o *outramente que ser*, situado aqui na diacronia e enunciado como infinito, havia sido reconhecido por Platão como Bem. Não importa que Platão havia convertido em uma ideia e uma fonte de luz...Tal diacronia é ela mesmo um enigma: o para além do ser que retorna e não retorna a ontologia; enquanto enunciado, o para além, o infinito se converte e não se converte em sentido do ser (LEVINAS, 1987, p. 64).

3 Subjetividade e 'Substituição'

Como tema central em *De Outro modo que Ser ou para lá da Essência* é o conceito de substituição, está presente no capítulo IV desta obra. Como é publicamente conhecido, foi a partir desta temática, que toda a obra foi escrita, sendo fundamental para o entendimento de Levinas, pois nas palavras do próprio autor: “este livro interpreta o sujeito como refém, e a subjetividade do sujeito como substituição que rompe com a essência do ser” (LEVINAS, 2011, p. 195).

Com o fim de compreender o termo “substituição”, do francês *otage*, utilizado por Emmanuel Levinas, palavra esta que geralmente se traduz por “refém”. Todavia é necessário compreendermos o sentido dessa palavra, qual seu significado e logo sua importância dentro da filosofia de Levinasiana, sendo que neste trabalho se seguiu a interpretação de *Substituição*.

Esta interpretação como acolhimento, onde a “substituição” poderia ser compreendida como ser um verdadeiro processo de “hospedeiro recebente”. Em outras palavras, como alguém que responde o chamado do acolhimento do outro, como responsabilidade verdadeiramente assumida e ilimitada pelo pedindo. Aqui já se referindo a este conceito na obra *Totalidade e Infinito Derrida*, comenta o que entende por hospitalidade e o que isso significa para sua própria filosofia:

[...] ela nos lega um imenso tratado sobre a hospitalidade. Ela não se situa no mundo objetivo, mas o mundo objetivo situa-se em relação a minha acolhida do Outro. É um recolhimento e acolhimento afetivo humano. A Hospitalidade significa dar “boa acolhida ao forasteiro que bate à minha porta”, sem me avisar. A obra de Levinas é uma Alteridade que me desassossega e me solicita, de forma incondicional, uma atitude de hospitalidade (DERRIDA, 1997, p. 39).

A dificuldade de entendimento mais claro desse conceito reside na própria proposta do autor, ao propor uma subjetividade responsiva que esteja além das modalidades do ser, enquanto ontologia, ou seja linguagem ordinária. Podemos perceber aqui mais um indício do rompimento com o pensamento de Husserl, pois se para Husserl a consciência intencional funda o método fenomenológico, aqui a “...consciência é um subproduto da eleição na relação ao bem que me amou primeiro e me chamou (SUSIN, 1984, p. 329).

Compreendendo a proposta de Levinas percebemos que toda sua filosofia teria como fundamentação, mesmo que aparentemente oculta, a temática da Substituição, também vista como eleição, por ser esta a expressão máxima do humanismo do outro homem no seu

pensamento. O próprio desenvolver constitutivo da corporalidade, que para alguns comentadores seria o centro convergente de sua proposta, tem nela, na Substituição, seu início. Sem entendermos, assim a filosofia de alteridade radical para fonte básica da leitura de seu pensamento esta correria o risco de não se fazer tematizável a nosso entendimento. Levinas, em uma de suas passagens de *Outramente que Ser*, nos fala que a *Substituição* consistiria em:

O sujeito resiste a esta ontologização desde o momento em que é pensado como Dizer. Detrás de todo enunciado do ser em tanto que ser. o Dizer transborda o ser mesmo que conceptuabiliza para anuncia-lo ao Outro; o ser que se compreende na palavra, é primeiro ou último, mas é último. Dizer indo para além do ser, a substituição da responsabilidade: a significação o um-para-o-outro, da prisão do Eu para além de toda derrota, em contra partida do *conatus*, ou, o que mesmo, e bondade (LEVINAS, 1987, p. 63).

A hospitalidade, aqui simplificada como de fraternidade humana (contudo ainda sem perder seu caráter de acolhimento, de doação e ao mesmo tempo responsabilidade pelo *Outro*) se mostra como uma forma de fuga da neutralidade objetivadora da normatização, desse modo como o elemento fundamental para a sociabilidade dos sujeitos. Ela, Hospitalidade, surge como anterior à própria condição de cidadania política, possibilitando o sujeito ser acolhido, como irmão. Assim a solidariedade humana, fraternidade além de alguém interesse, se mostra como incompatível com pensamentos de cunho totalitário:

Antes de descobrir como cidadão, eu me descubro como filho e já como irmão. Assim, a igualdade característica da vida política tem origem na fraternidade. A fraternidade é ainda mais; ela é a condição mesma da igualdade (CARRARA, 2010, p. 113).

Considerações finais

Podemos concluir que artigo nos referindo da seguinte maneira: O pensamento sobre a Substituição em Emmanuel Levinas, pode ser caracterizado como busca seu entendimento sobre a responsabilidade ilimitada pelo Outro, uma subjetividade de como um acolhimento, hospitalidade da alteridade radical. A grande dificuldade de expressão desse processo reside por se constituir em algo que podemos até mesmo expressar por palavras, mas que sempre será expresso de forma limita, pois não corresponderia mais a ordem da ontologia expressa na linguagem ordinária. Assim compreendemos que seria a Substituição o processo no qual a subjetividade (não como transformação, todavia já em prática) é responsividade hospitaleira,

acolhimento ilimitado e condição para minha verdadeira vida humana, enquanto sujeito a 'Outrem'.

Referências

CARRARA, O. V. **Levinas do Sujeito Ético ao Sujeito**: Elementos para pensar a política outramente. Paulo Aparecida-SP: Editora Idéias e Letras, 2010.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução de Fábio e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva.

LEVINAS, E. **De Otro Modo que Ser, Más Allá de la Essencia**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987.

_____. **Entre nós**: ensaios sobre a Alteridade. Tradução de Pergentino S. Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. **Ética e Infinito**: Diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70. 1982.

_____. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

SUSIN, L. C. **O Homem Messiânico**: Uma Introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984.